

A CRIANÇA E A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO EDUCATIVO-RELIGIOSO: UM EXERCÍCIO DE ‘IMAGEM-AÇÃO’¹

THE CHILD AND THE NARRATION OF STORIES IN THE EDUCATIVE-RELIGIOUS PROCESS: AN EXERCISE IN ‘IMAGE-ACTION’

Remí Klein
Faculdades EST.

Resumo: O tema deste artigo é a narração de histórias no processo educativo-religioso, com enfoque especial em fundamentos narrativos, em busca de critérios e paradigmas para a prática narrativa de histórias com crianças. Apresenta-se a narrativa como um gênero literário importante e a narração de histórias, em especial com crianças, como uma atividade fundamental neste processo, em famílias, escolas, comunidades e outros contextos educativos. Descreve-se a atividade narrativa como um processo interdisciplinar com múltiplas dimensões que se interrelacionam profundamente, fornecendo dados e conceitos que ajudem a identificar os elementos constitutivos do processo narrativo. A partir de pesquisa bibliográfica, aponta-se a narração de histórias como um princípio pedagógico e metodológico por excelência no Ensino Religioso na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental - um exercício de ‘imagem-ação’.

Palavras-chave: criança, história, narração, imagem-ação, Ensino Religioso.

Abstract: The subject of this article is the telling of stories in the religious-educational process, with special emphasis on the narrative foundations, seeking criteria and paradigms for the practice of storytelling with children. Narrative is presented as an important literary genre and storytelling, especially with children, as a fundamental activity in this process, in families, schools, communities and other educational contexts. Narrative activity is described as an interdisciplinary process with multiple dimensions which are deeply interrelated, furnishing data and concepts which help identify the constitutive elements of the narrative process. Based on bibliographical research, storytelling is presented as a pedagogical and methodological principle *par excellence* in religious education in preschool and in the beginning years of primary education – an exercise of ‘image-action’.

Keywords: children, story, narration, storytelling, image-action, religious education.

1 Artigo baseado no primeiro capítulo da dissertação de mestrado: KLEIN, Remí. A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1996. Primeira versão na perspectiva da Educação Cristã publicada em: KLEIN, Remí. A criança e a narração. In *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS., v. 24, jan.abr. 2011, p. 42-61.

Introdução

Aborda-se a narração de histórias no processo educativo-religioso da criança, com enfoque especial em fundamentos narrativos. Parte-se do pressuposto de que a história é um elemento-chave na preservação e no resgate da memória de um povo e na formação da identidade das novas gerações. Parte-se igualmente do pressuposto de que a narrativa é um gênero literário importante e de que a narração de histórias, em especial com crianças, é uma atividade fundamental no processo educativo-religioso, em famílias, escolas, comunidades e outros contextos. A atividade narrativa constitui-se, outrossim, num processo interdisciplinar com múltiplas dimensões. Neste processo, as Ciências da Religião, a Teologia, a Pedagogia, a Psicologia, a Antropologia, a História, a Sociologia, a Hermenêutica, a Semiótica, a Linguística, a Teoria Literária, a Literatura Infantil e outras Ciências Humanas se interrelacionam profundamente. Juntas, elas fornecem dados e conceitos que ajudam a identificar os elementos constitutivos do processo narrativo, em busca de critérios e paradigmas para embasar a prática narrativa de histórias com crianças.

Assim, a partir de pesquisa bibliográfica, aponta-se a narração de histórias como um princípio pedagógico e metodológico por excelência no Ensino Religioso na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

O Processo Narrativo

Numa primeira parte, apresenta-se algumas considerações sobre a criança e a narração, enfocando o processo narrativo sob diferentes aspectos, a saber: o ato narrativo; o objeto e o duplo sujeito da narração; o 'interesse' na narração e seu

papel mediador; narração: histórias da vida em 'imagem-ação'.

O Ato Narrativo

O que é narrar? Uma resposta a esta pergunta implica em abordar a natureza do ato narrativo. Para compreender o processo de percepção das palavras e de apreensão de significados a partir de uma história² narrada, não basta apenas conhecer os aspectos cognitivos ou fonéticos subjacentes ao ato. A narração não pode ser confundida com a mera decodificação de sons, com a reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos sonoros apresentados por um narrador. Isto seria transformar o ouvinte num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes para a sua vida. O ato narrativo envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, a partir de uma história, que é sua matéria-prima. Implica em compreensão e em recriação de significados. Provoca reflexão e tomada de posição.

Na compreensão e na interpretação de uma história, narrador e ouvinte articulam de forma própria os significados e os referenciais anteriormente atribuídos às palavras. A essência do ato narrativo

² Na abordagem do tema em estudo aparecem os termos 'estória' e 'história'. Porém, conforme Aurélio, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, "recomenda-se apenas a grafia história, tanto no sentido de ciência histórica, quanto no de narrativa de ficção, conto popular, e demais acepções". Opta-se, por isso, pelo termo 'história' e pelos termos 'narrativa', 'narrar', 'narração', 'narrador' e seus derivados, por considerá-los mais adequados e mais abrangentes em seu significado em relação ao tema em estudo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

consiste em selecionar e combinar significados relevantes que estão presentes de forma implícita e em potencial nas histórias, atribuídos por seu autor e decodificados na apresentação do narrador e na recepção de cada ouvinte, resultando daí o 're-conhecimento'³ das palavras, das histórias e dos seus significados. A narração constitui-se, pois, num processo de decodificação, no qual, além de se estabelecer uma correspondência fonética, são de fundamental importância os passos de compreensão, interpretação, descoberta de relacionamentos e derivação de significados. Conforme Joel Martins (apud Silva, 1985, p. 30), "a leitura [...] é uma forma de atribuição contínua de significados." O mesmo processo ocorre também no ato narrativo. O significado não está nas palavras em si, mas se constitui numa possibilidade de desvelamento e de atribuição, onde a compreensão e a interpretação de narrador e ouvinte têm um papel fundamental. Neste sentido, a narração, assim como a leitura, não consiste meramente em compreender um texto de uma história, mas é fundamentalmente um ato de compreender a vida e o mundo.

[...] o leitor curioso e interessado é aquele que está em constante conflito com o texto, conflito representado por uma ânsia incontida de compreender, de concordar, de discordar - conflito, enfim, onde quem lê não somente capta o objeto da leitura, como transmite ao texto lido as cargas de sua experiência humana e intelectual. (Safady, 1968, p. 13).

Conforme Paulo Freire (1974, p. 68), o propósito básico de qualquer leitura ou narração é a apreensão de significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito ou falado, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um

determinado autor num determinado texto, em confronto com a referência de vida e de significados de cada leitor ou ouvinte. Entra aí o enigma da subjetividade ou intersubjetividade, extrapolando os aspectos unicamente racionais e abarcando todos os aspectos humanos subjacentes à vida e, por extensão, também às histórias - textos da vida - que são lidas, narradas e ouvidas. Luis Carlos Lisboa (1977, p. 41-42) assim expressa este reflexo da dimensão humana na leitura, o que, por analogia, ocorre igualmente na narração: "Quando se diz que o importante nos livros está nas entrelinhas ou atrás das palavras impressas, o que se quer dizer é que aquilo que os livros contêm não é diferente da vida. Escritos por homens, eles refletem o que é humano."

Segundo Ezequiel T. da Silva (1985, p. 45), os três propósitos fundamentais da leitura são: "compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem." O mesmo processo triplo de compreensão dá-se também por meio do ato narrativo. A partir daí, percebe-se a íntima relação existente entre leitura, narração e hermenêutica, visto que, nos atos de ler e de narrar, o leitor, o narrador e o ouvinte compreendem e interpretam sentidos ou significados existenciais mediatizados por palavras. Toda circulação de sentido entre as pessoas necessariamente ocorre através de expressões sógnicas, presentes em diferentes tipos de linguagem: oral, escrita, musical, corporal ou outras mais. As relações pessoa-mundo somente são possíveis de serem efetuadas porque existem diferentes linguagens que possibilitam o diálogo e mediatizam a comunicação. Trata-se de uma intersubjetividade dialética pessoa-mundo, tendo a linguagem e, por conseguinte, a narração um papel mediador, conforme afirmação de Emerich Coreth (1973, p.

³ Escreve-se esta e outras palavras entre aspas simples e/ou hifenizadas para dar maior destaque ao seu sentido conotativo.

43): "[...] nosso horizonte de compreensão [...] é sempre um determinado mundo lingüístico, ou seja, um mundo aberto pela linguagem, lingüisticamente interpretado, lingüisticamente mediado."

A linguagem é o instrumento básico da comunicação, articulando-se e expressando-se através de signos. Toda linguagem, seja oral, escrita, visual, sonora ou gestual, tem sempre uma dimensão de expressão, que documenta e 're-presenta' uma mensagem, e uma dimensão de recepção, que interpreta e compreende o que é documentado e representado. A expressão e a recepção geram a comunicação. Ao escrever e ler, as pessoas se comunicam na distância, mas, ao falar e ouvir, elas se comunicam umas com as outras na proximidade. Na leitura a referência manifesta-se sempre mediatizada por meio de um documento, enquanto que na narração a comunicação é mais próxima e direta. Esta é uma vantagem da narração sobre a leitura.

Tanto na narração quanto na leitura entram os fatores da compreensão e da interpretação, visto que todo texto oral ou escrito é polissêmico e tem a capacidade de evocar uma multiplicidade de significados ao ser confrontado por diferentes narradores, ouvintes ou leitores. Ricoeur (1978, p. 15) assim define a interpretação: "[...] é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal."

O trabalho interpretativo revela-se, pois, como o desvelamento das possibilidades de significação de um texto, projetadas pela compreensão. A interpretação 'des-cobre' aquilo que a compreensão projeta. Neste processo de interpretação entram duas tarefas, a saber, a descontextualização e a

recontextualização, assim explicitadas por Ricoeur (1977, p. 53): "[...] o texto deve poder, tanto do ponto de vista sociológico quanto do psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler."

O que Ricoeur explicita em relação ao ato de ler aplica-se também ao ato narrativo. Os atos de ler e de narrar são, em última instância, processos nos quais os leitores e os ouvintes decodificam, compreendem e interpretam palavras de uma história lida ou narrada. Passam, por meio da escrita e da leitura ou por meio da fala e da audição, a comunicar-se na distância ou na proximidade, de forma dialógica, expressiva e receptiva, e a compreender-se no mundo, de forma dialética, existencial e libertadora, gerando novos significados. O ato narrativo constitui-se, assim, numa práxis essencialmente humana, em que narrador e ouvinte se tornam sujeitos do seu processo de ensino-aprendizagem. Paraphraseando uma comparação feita por Luis Carlos Lisboa (1977, p. 82) para distinguir a mente humana e o computador, pode-se afirmar que numa narração se dá "um conhecimento no singular": "[...] um computador eletrônico pode acumular toneladas de dados sobre a vida e o mundo, mas isso não o transforma num sábio. Falta-lhe a centelha magnífica do conhecimento no singular - o que só é concedido ao ser humano."

O Objeto e o Duplo Sujeito da Narração

O objeto da narração não são ideias ou conceitos abstratos, mas histórias de vida acontecida e de práxis realizada por pessoas-sujeitos. Pela narração de histórias, a vida é 're-presentada', isto é, ela se faz presente novamente. Assim,

determinado fato de vida do passado se 're-presenta', mas não como uma mera realidade já terminada e, sim, abrindo ao futuro novas possibilidades e uma continuidade, ainda que diferente, à história anteriormente vivida. O teólogo mexicano Carlos Bravo G. (1986, p. 75) define da seguinte maneira o processo narrativo:

[...] en la narración no se re-presenta el pasado como pasado muerto y mudo, sino como vivo e interpelante, como posibilidad nueva, como proyecto del sujeto humano que toma la palabra en la historia y que, e-vocando, con-voca y provoca em torno a la palabra para que la vida pueda seguir siendo narrada y realizada.

O potencial crítico e subversivo da narração consiste nesta 're-presentation' e, por isso, uma história traz sempre em si uma dimensão transformadora e configuradora de uma determinada realidade, sendo que a narrativa é a linguagem e o gênero literário que lhe corresponde.

Neste processo intervêm dois sujeitos: o narrador e o ouvinte que, pela narração, entram em relação entre si e com o mundo. A condição fundamental para esta relação é a liberdade. A narração não pode ser objeto de coerção. Segundo Carlos Bravo G. (1986, p. 75), "la narración es mediación entre la razón y la historia para posibilitar la práctica de la libertad humana." Maria Dinorah, autora de *O livro na sala de aula* e de inúmeros livros infanto-juvenis, defende que é preciso ter uma pedagogia para fazer novos leitores baseada em dois princípios: afeto e liberdade. "O pequeno leitor deve ter afeto pelo seu livro e isso se consegue dando a ele uma obra que o atraia como brinquedo. [...] A criança tem que ter liberdade para interpretar o que lê, de acordo com o seu imaginário." (1994, p. 3).

Maria Dinorah ressalta que estes princípios são fundamentais para a formação do hábito da leitura e para a criação de um espírito crítico. Por analogia, pode-se afirmar que também no processo narrativo é essencial e imprescindível que se estabeleça uma relação de confiança, afeto e liberdade entre narrador e ouvintes.

Os sujeitos da narração não têm, portanto, um mero papel de emissor e receptor. O fenômeno comunicativo na narração não se limita somente a um emissor, a uma mensagem e a um receptor. A este eixo da relação comunicativa entre emissor e receptor acrescenta-se outro eixo, representando a relação intencional e significativa dos sujeitos com o mundo. Ezequiel T. da Silva (1985, p. 74) caracteriza este fenômeno da comunicação como estrutura fenomenal de "ser-no-mundo-com-os-outros-atraves-de-signos". Em sentido semelhante, Paulo Freire (1982, p. 11) fala em "leitura da palavra" e em "leitura do mundo", afirmando, inclusive, que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra". Enfatiza, assim, a estreita relação entre linguagem e realidade, entre texto e contexto, destacando a relação dinâmica do sujeito com o seu mundo e a importância da leitura da "palavramundo" (1982, p. 12) no processo da alfabetização. Ao mesmo tempo, Paulo Freire fala na "dialogicidade como essência da educação" (1974, p. 68), caracterizando a estreita interrelação de educador e educando como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, pode-se apontar aqui para a leitura da 'palavramundo', para a relação dialógica e para a prática da liberdade como condições fundamentais e intrínsecas no processo narrativo.

O narrador constitui-se em portavoz, não recordando ou repetindo simplesmente, mas selecionando os fatos,

as imagens, as ênfases e as linguagens. Ao selecionar, privilegia determinados aspectos da vida ou práxis 'e-vocada', 'descobrimo' novas possibilidades e facetas escondidas, que antes não eram, mas que agora podem ser, graças à narração. É o que o teólogo argentino J. Severino Croatto (1985, p. 59) caracteriza como 'distanciação' e 'reserva de sentido'. Graças a este processo hermenêutico, a narração dá um novo modo de ser à vida acontecida, projetando-a ao futuro e permitindo-lhe ser novamente, de outra maneira. O narrador estrutura a memória, fazendo dela uma recordação organizada e contextualizada, bem como interpretando e dando relevância à vida e práxis 'e-vocada'. De uma maneira ou outra, o narrador se 'implica' a si mesmo e busca 'implicar' os seus ouvintes na trama da história de vida e práxis narrada. Assim, por meio da narração, o ouvinte entra em relação com a vida e práxis que nela se lhe 're-presenta'. Na medida em que escuta, constata uma 'coincidência' ou uma 'dissidência' (Bravo, 1986, p. 75) entre a história narrada e sua própria vida e práxis. Assim, estabelece-se um confronto e uma 'inter-ação': o ouvinte convalida ou confronta tanto o narrador como a história narrada e é convidado também a convalidar ou confrontar a sua própria vida e práxis com vistas ao 'pró-seguimento'.

O 'Interesse' na Narração e seu Papel Mediador

Narrar não é simplesmente descrever. Tampouco pretende meramente informar ou relatar sobre determinada situação ou somente produzir uma compreensão do sentido da vida e práxis sucedida no passado. Sua intenção é que essa vida e práxis se confirme e que o dinamismo que produziu, se faça presente e se torne atual. A narração requer uma reação livre e participativa, fazendo o ouvinte 'entrar' na história. É o que

Severino Croatto caracteriza como "eisegeze". (1985, p. 59). Assim, a narração contém em si, além da possibilidade já realizada e não modificável, também as possibilidades futuras ainda não sucedidas. Durante a narração, o ouvinte descobre mais aspectos do que aqueles que se deram no momento em que aconteceu o narrado. Assim, toda leitura é 'releitura' do sentido de um texto. Mediante isso, na narração de uma história, o duplo sujeito (narrador e ouvinte) submerge no narrado, dirigindo-se, ao mesmo tempo, ao passado acontecido e às possibilidades futuras, que requerem de ambos uma abertura para fazer-se realidade na sua vida e práxis presente, que não é indiferente à vida e práxis narrada, nem diferente dela, mas uma continuidade.

A narração dá, pois, um novo modo de ser à vida e práxis sucedida: ao 'e-vocar' a história, converte-a em memória 'convocante' (criando uma comunidade em referência ao passado) e em memória 'provocante' (que dá a este passado uma dimensão de futuro, confiado a uma comunidade constituída pela narração). Cria-se, assim, uma situação de mediação em que o narrador e o ouvinte são interpelados a 'corresponder' em sua vida e comunidade com uma práxis que seja mediação entre o 'antigo-já-acontecido' e o 'novo-ainda-não-existente' (Bravo, 1986, p. 74), entre o conhecido e o desconhecido, entre o real e o imaginário, entre imagem e mensagem.

Danilo R. Streck (1992, p. 8), no texto intitulado *Contar nuestra historia*, define da seguinte maneira o papel da comunidade constituída pela narração:

La comunidad de que hablamos es creada y mantenida por la historia que es contada y recontada de generación en generación. Ella es creación de la Palabra. No obstante, es también la comunidad que va a mantener y transmitir esta misma Palabra a

través de la historia que ella recuenta, reinterpreta y recrea. Ella sería el vaso de barro que contiene el tesoro capaz siempre de impregnar de sentido la historia del pueblo.

James W. Fowler (1992, p. 93), em seu livro *Estágios da fé*, destaca este papel das histórias e das imagens quando se refere ao "conhecimento imaginativo e gerativo da fé": "Significa um compromisso de levar a sério o fato de que somos formados em comunidades sociais e que nossas formas de ver o mundo são profundamente moldadas pelas imagens e construções partilhadas de nosso grupo ou classe."

Fowler enfatiza, assim, o compromisso de levar a sério que somos formados em comunidade e moldados pelas imagens e construções nela partilhadas, bem como o compromisso de relacionar os estágios estruturais da fé às crises e aos desafios previsíveis das fases de desenvolvimento e de levar a sério as histórias de vida no estudo da fé. Neste sentido, a narração de histórias tem um papel fundamental no processo educacional quanto à formação da identidade humana. Através da narração de uma história pode ocorrer a atualização, a contextualização, a ligação com a vida concreta e o envolvimento tanto do narrador como dos ouvintes enquanto sujeitos, tornando-se a mesma a 'sua' história. Referente a isto, Danilo R. Streck (1992, p. 7) escreve:

Contar la historia hoy es procurar abrir los ojos y oídos para lo que acontece a nuestro alrededor, a pesar de que sepamos que jamás tendremos acceso a toda la realidad. Tampoco se trata, solamente, de un conocimiento racional o académico de la realidad. La vida deja sus marcas en el cuerpo y en el sentimiento de las personas y la historia precisa pasar por estas marcas.

Isto implica em integrar, incorporar e encarnar as histórias à vida e à realidade dos ouvintes, para que possam se tornar as 'suas' histórias. Neste sentido, a narração é criadora de comunidade e criadora de mundos entre narrador e ouvintes, enquanto 'pró-seguidores' da história narrada. Ela assegura ao passado um presente e possibilita que a história sucedida se converta em história que sucede, como possibilidade de compreensão e de significação do mundo, como memória ativa e subversiva de um projeto de vida e de formação de identidade. Enfatizando este poder criador e mediador da palavra e, por conseguinte, da narração, Rubem Alves (1994, p. 52) escreve no prefácio de sua coletânea *Estórias para pequenos e grandes*:

Tudo adormecido... O que vai acordar é aquilo que a Palavra vai chamar. As Palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro dos nossos corpos, num estado de hibernação, como sonhos. Nossos corpos são feitos de Palavras...

Paulo Freire (1974, p. 68) destaca, outrossim, o papel 'mediatizador' do mundo na educação, quando afirma: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." A partir desta concepção de Paulo Freire, pode-se afirmar que a narração de histórias bíblicas, enquanto 'palavramundo', exerce um papel mediador e mediatizador no processo educativo-religioso. Mas, para que uma narração se torne eficaz e exerça este papel, é imprescindível que tanto o narrador quanto os ouvintes se situem de maneira semelhante ante à história de vida ou práxis, que é o seu objeto, e que se relacionem livremente neste processo narrativo.

Deve existir algo comum entre eles, unindo-os. Segundo Carlos Bravo G. (1986, p. 75), deve haver ou criar-se um mesmo 'interesse'⁴, uma 'sim-patia', uma 'co-incidência'. Caso contrário, a narração não se torna significativa. Somente se narra e se ouve o que interessa. Este 'interesse' consiste fundamentalmente em uma tomada de posição em favor de uma história sucedida, considerada como relevante e valiosa. Consiste em acreditar que esta vivência evocada seja relevante e significativa e em tomar partido em favor de sua continuidade. Não há, pois, uma narração objetiva e neutra. Toda narração pressupõe e cria um alinhamento e uma parcialidade, assumindo uma dimensão ideológica. Ela leva a um envolvimento e a uma interação, criando e reforçando uma identidade comum. Assim, a narração se converte em veículo de identidade e o seu desafio maior deve estar em fazer prosseguir uma história 'e-vocada' na vida e práxis de narrador e ouvintes, que são a comunidade constituída pela narração. Este 'pró-seguimento' consiste fundamentalmente em 'de-volver' às pessoas a memória da vida e de suas possibilidades, despertando o 'interesse' pela liberdade e criando uma práxis libertadora.

Este é também o desafio fundamental do Ensino Religioso: manter viva a memória, contando e recontando histórias para que se contituam em 'nossas' histórias, para, assim, criar e recriar 'interesse', gerando vida com identidade e vida em comunidade. Danilo R. Streck (1992, p. 5), no texto já referido, fala da importância de recuperar esta imagem da educação como narração de histórias. Esta é uma atividade fundamental no processo educativo-religioso, em especial com crianças.

⁴ 'Interesse' no sentido de 'inter-esse', estar entre.

Narração: Histórias da Vida em 'Imagem-Ação'

As crianças, em geral, gostam de ouvir histórias. "Conte de novo!" "Conte outra vez!" são expressões muito conhecidas por pais e educadores. A narração de uma história suscita 'imagem-ação', 'imaginação'. O processo narrativo consiste em criar uma imagem e em colocá-la em ação para vivenciar uma mensagem. James W. Fowler (1992, p. 33) define a fé como "imaginação" e destaca o papel da narração neste "processo imaginativo" da fé:

[...] a formação de uma imagem não espera ou depende de processos conscientes. A imagem une informação e sentimento; mantém juntos orientação e significado afetivo. [...] Então, em um processo que implica tanto uma formação como uma expressão, narramos o que as nossas imagens conhecem.

Pode-se afirmar, portanto, que as narrativas são uma importante fonte de imaginação e esta se constitui num ingrediente importante no processo educativo. Este tema tem sido especialmente desenvolvido por Bruno Bettelheim (1980), que tem enfatizado o valor terapêutico dos contos de fada para crianças e jovens com distúrbios emocionais. Conforme o referido autor, tais contos inspiram imaginação e restauram a perspectiva primitiva de mito. Neste sentido, no tocante às histórias religiosas, pode-se dizer que elas exercem o papel de ligar educação, religião e imaginação. Educadores religiosos talvez estejam mais atentos a este tema do que educadores em geral, por causa da sua consciência de que as tradições religiosas são largamente veiculadas por histórias.

Seres humanos são criaturas imaginativas - capazes de imaginação e com necessidade de imaginação. Esta

proporciona perspectiva de vida e percepção do mundo. As pessoas aprendem através de histórias. Estas são um estímulo à imaginação, criam consciência pessoal e social e apontam para realidades não facilmente comunicáveis de forma conceptual. Crenças, valores e padrões são formados e transformados por meio de histórias narradas.

As narrativas são, outrossim, uma fonte de percepção humana e de crítica social. Conforme Jerome Bruner (apud Moore, 1991, p. 139), há dois tipos de pensamento: o lógico-científico e o narrativo, sendo que o segundo entrelaça a ação e a percepção; o pensar, o sentir e o querer da pessoa. A tendência tem sido ignorar o modo narrativo de pensar. Este tipo de pensamento envolve imaginação e subjetividade. Outro aspecto é a percepção de ser parte de um contexto histórico e social. Os textos e seus contextos remetem para a função social da narração.

A história é uma forma de comunicação indireta, que transmite verdades que não podem ser comunicadas diretamente. Neste sentido, "stories have the power to form and transform the world." (Bruner apud Moore, 1991, p. 143). Ou seja, histórias têm o poder de formar e transformar indivíduos em sua visão de mundo e em seus estilos de vida. John Dominic Crossan (apud Moore, 1991, p. 143) tem desenvolvido este ponto de vista em relação às histórias. Ele descreve o mito como a forma de história que funciona primariamente para estabelecer e fundar mundo e a parábola como a forma de história que subverte mundo.

Ouvindo mais e mais histórias, as pessoas tornam-se mais conscientes de 'sua' própria história. É comum a experiência de se ler ou ouvir uma história e de se perceber a 'sua' própria vida de

forma mais vívida e intensa por meio dela. A experiência de rir ou chorar no cinema é a experiência de rir ou chorar acerca de si mesmo. Percebe-se, assim, que a própria pequena história pessoal é parte de uma grande história. Este é um dos principais caminhos por meio do qual uma pessoa elabora e assimila significados, constrói sua identidade e descobre quem ela é. Neste sentido, referindo-se à Educação Popular, Matthias Preiswerk (1994, p. 137) afirma: "La Educación Popular no deja a los sectores populares sin creencias, sino que busca construir con ellos su memoria social, su identidad narrativa para constituirse como grupos y movimientos."

As histórias 're-presentam' uma cadeia de significados e levam a pessoa para dentro deles. Narrativas funcionam, outrossim, como símbolos evocativos. Suscitando imaginação, as narrativas levam a recordar "para além de". Por meio dos personagens e de suas histórias, as pessoas vivenciam sentimentos e ideias e resgatam memórias, tendo acesso a significados não facilmente experimentados e alcançados de outra maneira. Pode-se dizer que cada personagem e fato de uma história revela algum aspecto da realidade, podendo tocar sentimentos profundos no ouvinte ou leitor. Por outro lado, cada personagem e fato contribui para um todo, sendo a história mais do que a soma das suas partes.

Narrativas têm, assim, a capacidade inusitada de ligar passado, presente e futuro, revelando a conexão através do tempo. Uma história é como um rio de água corrente e não como uma caverna escura, onde se entra e se teme não sair nunca mais. Neste sentido, nenhuma história é limitada a uma só perspectiva. Uma história sempre carrega uma "reserva de sentido". A pessoa necessita de histórias que representem diferentes perspectivas

para ter outras formas de percepção e para ver o mundo desde a perspectiva de outros.

Portanto, pode-se afirmar que a narração de histórias suscita a imaginação e o imaginário das crianças. Ela propicia a criação e a vivência de imagens e ações. Não se deve, porém, confundir imagem e imaginação com histórias imaginárias. As histórias, em grande parte, não são imaginárias, mas vivenciadas, relatando e retratando temas reais e existenciais da vida humana. São histórias da vida em 'imagem-ação'. Sua mensagem é vivencial. Elas retratam imagens da vida em suas múltiplas dimensões.

Outrossim, André Carvalho (apud Brandão, 1977, p. 2), aponta as seguintes motivações para a abordagem de temas realistas e existenciais em histórias para crianças:

Na realidade, pensamos que a criança não pode ser murada; não adianta querer preservá-la, defendê-la, erigi-la em último reduto. Ela está exposta, entrou no rolo, sofre antes do tempo em que nós principiamos, vai chegar na nossa idade com uma cota de socos no sereno que nunca pudemos imaginar. Diante disto, o que fazer? Partir para o didático, o edificante? Besteira. Vamos levantar temas que a envolvem, o pior sempre é esconder. [...] É preciso não esconder nada, mas mostrar que, apesar de tudo, este mundo pode e deve ser reconstruído, exatamente por esta criança participante.

As histórias estão repletas de temas realistas e existenciais, que são reais e cotidianos também na vida das crianças. Conforme apontado por Carvalho, a opção é não fugir dos temas realistas ou escondê-los das crianças, mas abordá-los justamente em sinal de respeito por elas, envolvendo-as e tornando-as participantes, por se acreditar que este mundo pode e deve ser reconstruído e que a criança pode e deve participar deste processo. Só assim

as crianças se tornarão sujeitos de sua própria história, desenvolvendo uma consciência social e solidária.

A escritora Maria Dinorah (1986, p. 40), em seu livro *Panela no fogo, barriga vazia*, tem uma poesia intitulada *Quando eles souberem*. Na referida poesia, ela confronta os seus leitores-crianças com a dura realidade de tantas outras crianças que passam fome e outras necessidades e que não podem estudar, mas alerta também quanto ao "poder de mudar" que está latente nestas crianças: "Mas quando eles souberem, tudo isso vai passar, pois está nas crianças o poder de mudar."

Outro escritor marcante neste sentido é Rubem Alves (1994), por abordar e desmistificar temas dolorosos com seus leitores de todas as idades. Em *Estórias para pequenos e grandes*, ele dirige a seguinte palavra inicial "aos contadores das estórias", falando sobre as suas motivações na escolha dos referidos temas e sobre a importância da presença de alguém ao lado da criança durante a narração destas "estórias dolorosas":

[...] Escrevi estas estórias em torno de temas dolorosos, que me foram dados por crianças. Não é possível fazer de conta que eles não existem. [...] O objetivo da estória é dizer o nome, dar às crianças símbolos que lhes permitam falar sobre seus medos. E é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...

Há estórias que podem ser escutadas em disquinhos ou simplesmente lidas, sozinhas... São as estórias engraçadas. Outras devem ser contadas por alguém.

Quando se anda pelo escuro do medo, é sempre importante saber que há alguém amigo por perto. Alguém está contando a estória. Não estou sozinho... Nem o livro que se lê e nem o disquinho que se ouve têm o poder de espantar o medo.

É preciso que se ouça a voz de um outro e que diz:

- Estou aqui, meu filho. (1994, p. 7-8)

A narração aquieta, prende a atenção, informa, socializa, consola, enfim, educa. Ela permite a auto-identificação, favorece a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos e alimenta a esperança. Assim, ela se constitui numa contribuição importante ao desenvolvimento da criança. Descobrir isto e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida, como o expressa a educadora e contadora de histórias Maria Betty Coelho Silva (2000, p. 11).

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente oral ante à magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos.

A história usa uma matéria-prima, que é a palavra, e é imensa a riqueza da comunicação que a oralidade oferece na narração. Cabe ao narrador emprestar vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriando-o na linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. Narrar uma história é revesti-la de detalhes, sem fugir do essencial. É narrar com fantasia e emoção, como se estivesse vendo o que a própria fala evoca na imaginação dos ouvintes. A narração é arte e magia.

Quem se propõe a narrar uma história e a prepara tendo em vista as características dos elementos que a compõem, adquire maior confiança, familiariza-se com os personagens, vivencia emoções que vai transmitir, fazendo as adaptações convenientes e

trabalhando cada elemento com a devida técnica. Adaptar não significa modificar o texto ao nosso bel-prazer, mas as adaptações devem tornar mais espontânea e coloquial a linguagem escrita, dando um tom harmônico à narrativa como um todo.

Há quem prefira modificar o final de algumas histórias para não frustrar, assustar ou amedrontar as crianças, mas isto é uma deturpação da história e um equívoco pedagógico. Ao confrontar-se com tensões, medos ou conflitos numa narração de uma história, a criança os relaciona com a sua própria história. Neste sentido, Alícia Prieto (apud Silva, 2000, p. 61) fala do jogo simbólico que toda história esconde e destaca a função terapêutica da narração: “A ocasião está dada e cada um faz sua própria terapia. Nunca saberemos que cargas emocionais perturbam nossos pequenos, nem atinaremos em medir as ressonâncias que poderão ser provocadas por esse jogo simbólico que, no fundo, toda história esconde.”

As histórias têm uma grande "reserva de sentido" e a sua mensagem não se esgota, renovando-se e atualizando-se a cada nova narração de uma mesma história. Outrossim, a história não acaba quando a narração chega ao fim. Ela permanece na mente das crianças, que a incorporam como um alimento de sua imaginação criadora. Por isso, sempre que possível, convém oportunizar uma conversa e atividades a partir da narração. Comentar prolonga a 'imagem-ação', proporciona novas 'leituras' da trama e dos personagens e conduz a uma compreensão mais nítida e esclarecedora. Comentar não significa propor questões interpretativas e, muito menos, destacar a mensagem contida na história. As crianças por si mesmas percebem a mensagem e a revelam nas colocações que fazem. Os seus comentários evidenciam o efeito da

história narrada e oferecem condições de avaliar sua maior ou menor repercussão. Bruno Bettelheim (1980, p. 75) assim expressa a importância desta conversa a partir da narração de uma história:

Quando o contador dá tempo às crianças de refletirem sobre as histórias, para que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando elas são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças.

As atividades subsequentes ajudam a 'digerir' a história. Assim, dentro de uma proposta globalizante e interdisciplinar de ensino-aprendizagem, a narração pode ser integrada num processo de associação a outras práticas artísticas e educativas. A história funciona, então, como agente desencadeador de atividades criativas, inspirando as crianças a se manifestarem expressivamente. Há vários tipos de atividades que podem ser desenvolvidas, baseadas nas sugestões que o enredo oferece: jogos afetivos e cooperativos, dramatizações, desenhos, recortes e colagens, dobraduras, modelagens, criação de textos orais e escritos, construção de maquetes, teatro de bonecos. Para cada situação, uma atividade, visando possibilitar 'imagem-ação', ou seja, uma elaboração pessoal ou grupal e uma expressão existencial da mensagem a partir da história narrada.

Referências

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 2. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, Ignacio de Loyola. *Cães danados*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1977.
- BRAVO G., Carlos. *Narración: el Espíritu toma la Palabra. Christus*. México, 1986.
- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais da Hermenêutica*. São Paulo: EPU & EDUSP, 1973.
- CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria de leitura como produção de significado*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1985.
- DINORAH, Maria. *Panela no fogo, barriga vazia*. São Paulo: L&PM, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. (Dissertação de Mestrado) São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1996.
- LISBOA, Luis Carlos. *Olhos de ver. Ouvidos de ouvir*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- MARIA DINORAH resgata a importância da palavra. *Jornal Vale do Sinos*, São Leopoldo, 7 jun. 1994, p. 3.
- MOORE, Mary Elizabeth Mullino. *Teaching from the heart: Theology and educational method*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.
- PREISWERK, Matthias. *Educación Popular y Teología de la liberación*. San José, Costa Rica: DEI, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SAFADY, Naief. *Introdução à análise do texto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

SILVA, Ezequiel T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1985.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

STRECK, Danilo Romeu. Contar nuestra historia. *Revista Educación*. Guadalupe, n. 19, p. 4-8, 1992.

Sobre o autor:

Remí Klein: Prof. Doutor em Teologia na Área de Concentração em Religião e Educação pela Escola Superior de Teologia. Prof. adjunto da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da Escola Superior de Teologia (FACULDADES EST) em cursos de extensão, bacharelado, licenciaturas, especialização, mestrado (acadêmico e profissional) e doutorado, atuando nas áreas de Religião e Educação na América Latina, Ensino Religioso, Educação Cristã, Formação Docente, Políticas Educacionais, Literatura Infantil, Alfabetização e Letramento e Metodologias de Ensino. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Identidade Religiosa e Práxis Educativa. E-mail: remiklein@terra.com.br